

A opção mais simples

do "menu"

Dívida Externa

por Tom Camargo

de Londres

Os programas de conversão de dívida externa em investimento direto são, no momento, a mais atraente e flexível ferramenta financeira com a qual contariam credores e devedores que procuram uma solução de longo prazo para o endividamento soberano.

Pelo menos por enquanto estes programas, já regulamentados por devedores como México, Venezuela, Chile, Equador e Filipinas (o governo brasileiro diz que colocará sua versão na mesa durante o mês de julho), seriam os mais simples de ser operados e os mais facilmente defensáveis (diante de acionistas e autoridades monetárias) na longa lista de opções (a chamada abordagem "menu") à disposição dos credores.

"Os esquemas de conversão da dívida em investimento, algo que alguns também chamam de 'capitalização da dívida', é o que hoje se pode descrever como o ponto mais próximo da volta ao mercado de empréstimos voluntários", sustenta um vice-presidente da Shearson Lehman Bros., Jay Newman, que foi um dos oradores durante um seminário sobre conversão ontem iniciado em Londres. A Shearson Lehman, que pertence ao grupo American Express, é responsável pela publicação semanal, nos Estados Unidos e na Europa, das cotações de papéis da dívida de países no mercado secundário, uma decorrência natural de seu pioneirismo numa área que, até o fim de 1984, era vista com desconfiança e ceticismo pela maioria dos bancos comerciais internacionais.

No ano passado cerca de US\$ 10 bilhões foram movimentados no secundário (em contraste com não mais de US\$ 4 bilhões a US\$ 5 bilhões em 1985).

"A conversão não resolve nada sozinha", constatou outro conferencista, o advogado Andrew Quale, associado da firma de advocacia Sidley e Austin, de Nova York, através da qual tem

(Continua na página 17 •
ver página 2)